

## *O prompt como gênero discursivo: uma experiência pedagógica*

**Josimar de Souza Rodrigues Junior**

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

**Resumo:** Este relato apresenta uma experiência pedagógica realizada com estudantes do 8º ano do ensino fundamental, com foco no ensino do gênero discursivo prompt como ferramenta de escrita estruturada e funcional. A proposta buscou desenvolver a clareza, a objetividade e a organização textual dos alunos por meio da elaboração de comandos para inteligências artificiais, utilizando o modelo P-A-C-E-F como base. Os resultados apontam para o potencial didático do prompt como gênero emergente, articulando linguagem e tecnologia em práticas escolares significativas.

**Palavras-Chave:** Letramento digital. Gêneros discursivo. Prompt. Inteligência artificial.

**Abstract:** This report presents a pedagogical experience carried out with 8th-grade elementary school students, focusing on teaching the prompt as a **speech genre** and a tool for structured and functional writing. The proposal aimed to develop students' clarity, objectivity, and textual organization through the creation of commands for artificial intelligence systems, using the P-A-C-E-F model as a foundation. The results highlight the educational potential of the prompt as an emerging genre, connecting language and technology in meaningful classroom practices.

**Keywords:** Digital literacy. Speech genre. Prompt. Artificial intelligence.

## INTRODUÇÃO

Este relato de experiência apresenta uma sequência de cinco aulas de Língua Portuguesa realizadas com estudantes do 8º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Prezideu Amorim, localizada no bairro Bonfim, em Vitória, Espírito Santo. A escola atende, em sua maioria, estudantes provenientes de contextos socioeconômicos diversos, especialmente de famílias residentes na periferia da cidade, com distintos níveis de acesso e familiaridade com as tecnologias digitais.

A turma selecionada para esta atividade, de maneira geral, mostra-se heterogênea quanto ao domínio das competências linguísticas e ao interesse pela leitura e escrita. Esta diversidade demandou uma abordagem pedagógica mais lúdica, visando não apenas o desenvolvimento de habilidades linguísticas específicas, como também a promoção do interesse pelo conteúdo.

O tema desenvolvido nas aulas foi o “Prompt como Gênero Discursivo”. O prompt consiste em uma instrução escrita detalhada, elaborada com o objetivo de obter respostas específicas de uma inteligência artificial (IA). Considerando o crescente uso das tecnologias digitais — em especial das IAs generativas — no cotidiano dos estudantes, optou-se por abordar o prompt como um gênero discursivo emergente, em processo de consolidação no contexto das interações com inteligências artificiais. Essa escolha está alinhada tanto às perspectivas contemporâneas que defendem a ampliação do letramento para incluir novas formas de comunicação digital, quanto às diretrizes curriculares da Secretaria Municipal de Educação, que propõem, entre os objetivos, a produção de textos adequados a diferentes finalidades comunicativas, utilizando recursos linguísticos e composicionais apropriados à situação de produção e ao gênero discursivo.

Para orientar a produção dos prompts, foi utilizado o modelo P-A-C-E-F (Papel, Ação, Contexto, Exemplo e Forma), amplamente divulgado na internet como *framework* para a estruturação de comandos dirigidos a inteligências artificiais. Há ainda uma variação do modelo conhecida como PACIF (Papel, Ação, Contexto, Intenção e Formato), que compartilha da mesma lógica estrutural aplicada à construção de enunciados funcionais.

Do ponto de vista pedagógico, o modelo P-A-C-E-F foi selecionado por sua capacidade de tornar visível e manipulável a estrutura de um gênero ainda em formação. Ao decompor o prompt em partes reconhecíveis, o modelo favorece o desenvolvimento de estratégias de escrita eficazes e coerentes, além de promover uma abordagem metacognitiva da produção textual. Essa abordagem permite que os estudantes reflitam sobre seu próprio processo de escrita,

identifiquem estratégias eficazes e transfiram esse conhecimento para outros gêneros discursivos.

Em consonância com a concepção de letramento como prática social, Soares (2009, p. 72) afirma que o letramento “não é um atributo unicamente ou essencialmente pessoal, mas é, sobretudo, uma prática social: letramento é o que as pessoas *fazem* com as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais”. Assim, ao propor a elaboração de prompts com base em um modelo estruturado, buscou-se não apenas exercitar a habilidade de escrever comandos eficazes, mas também fomentar a consciência crítica sobre o uso da linguagem em contextos digitais mediados por inteligências artificiais.

Os objetivos centrais das cinco aulas foram: 1. compreender o Prompt como gênero discursivo; 2. desenvolver clareza e objetividade na escrita; e 3. explorar como diferentes comandos influenciam as respostas obtidas de uma inteligência artificial. Além de descrever a sequência didática, este relato também se propõe a refletir sobre os sentidos gestados ao longo da experiência, os desafios enfrentados no processo e os desdobramentos pedagógicos observados em sala.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica deste trabalho parte das concepções de gêneros discursivos trabalhadas por Bakhtin (2016), para quem, conforme faz notar Bezerra (2016, p. 158), os gêneros discursivos são “tipos relativamente estáveis de enunciados, elaborados por campos específicos do emprego da língua”. Essa perspectiva permite compreender o gênero prompt como um enunciado situado, orientado para um “outro” interlocutor — no caso, a IA —, constituindo-se como resposta a um contexto comunicativo específico.

Para ele, todo gênero é socialmente constituído, ou seja, sempre relacionado a contextos específicos e em interação com outros discursos anteriores e posteriores. Nesse sentido, os gêneros discursivos são fundamentais para a comunicação, pois organizam a interação verbal e permitem o reconhecimento mútuo dos interlocutores dentro de situações concretas de uso, especialmente no que concerne à sua aplicabilidade em novos contextos comunicativos digitais.

Desse modo, a dinâmica dos gêneros está associada às práticas sociais e aos contextos em que ocorrem, sendo, portanto, constantemente reelaborados em função das mudanças tecnológicas e culturais. Considerando a emergência de novos gêneros comunicativos mediados por tecnologias digitais, o prompt é aqui tratado como um gênero discursivo interativo, que articula intencionalidade, estrutura e função comunicativa em ambientes mediados por IA. A

escolha por esse gênero como objeto de ensino está alinhada a uma concepção de linguagem como prática social e situada. Por este motivo, “compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana” (Bakhtin, 2016, p. 11).

Sobre a diversidade dos gêneros, continua Bakhtin (2016, p. 12):

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana e porque em cada campo dessa atividade vem sendo elaborado todo um repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que tal campo se desenvolve e ganha complexidade.

Ao trabalhar o Prompt como uma unidade textual interativa e responsiva, buscou-se atualizar e ampliar as possibilidades do ensino da língua em sala de aula, como também se justifica à luz da concepção de Bakhtin (2016, p. 11), “o caráter e as formas desse uso [da linguagem] sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua”.

Para estruturar a produção dos prompts, foi adotado o modelo P-A-C-E-F, um *framework* amplamente divulgado na internet entre usuários e desenvolvedores de inteligência artificial, que organiza os componentes fundamentais de um bom prompt: Papel (o papel ou identidade assumida pela IA), Ação (o que se espera da IA), Contexto (informações situacionais que orientam a tarefa), Exemplo (modelo ou parâmetro desejado) e Forma (o formato esperado da resposta). Há ainda uma variação conhecida como PACIF (Papel, Ação, Contexto, Intenção e Formato), que substitui o Exemplo pela Intenção, sem alterar a lógica estrutural. No contexto educacional aqui descrito, o modelo escolhido foi o P-A-C-E-F como instrumento didático-conceitual, auxiliando os estudantes a produzirem comandos mais claros, objetivos e funcionais.

Argumenta-se que a estrutura do modelo P-A-C-E-F dialoga com a concepção bakhtiniana de gênero discursivo ao explicitar, de forma prática, os três elementos constitutivos dos gêneros identificados por Bakhtin: conteúdo temático, construção composicional e estilo. Segundo o autor, “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos [...], e todos esses três elementos — o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional — estão indissolivelmente ligados no conjunto do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação” (2016, p. 11–12). No modelo P-A-C-E-F, o conteúdo temático manifesta-se sobretudo nos elementos “Ação” e “Intenção”; a construção composicional materializa-se na ordenação lógica dos cinco

componentes do modelo; e o estilo se revela nas escolhas linguísticas e formais que variam conforme o “Papel” atribuído à IA e o “Formato” desejado da resposta. Dessa forma, o modelo operou como uma ponte entre a teoria dos gêneros e a prática pedagógica com tecnologias emergentes, facilitando a compreensão e a produção de enunciados eficazes em contextos digitais. Ao ampliar as possibilidades do ensino da linguagem na escola, o P-A-C-E-F destaca-se como recurso relevante para o desenvolvimento de habilidades linguísticas e comunicativas dos estudantes, em sintonia com as demandas contemporâneas da sociedade digital.

Embora oriundos de campos distintos, os aportes de Bakhtin e de Soares convergem na compreensão da linguagem e do letramento como práticas sociais situadas, marcadas pelas condições de uso, pelos interlocutores e pelos contextos culturais.

## **PERCURSO DAS AULAS: METODOLOGIA**

As cinco aulas descritas neste relato foram realizadas, inicialmente, na sala de aula regular e, posteriormente, no laboratório de informática da escola.

As duas primeiras aulas foram dedicadas a uma atividade de sensibilização, planejada para despertar nos estudantes a consciência sobre a importância da clareza e da objetividade nas instruções. A proposta teve início com um exercício lúdico em que o professor solicitava a um estudante que realizasse tarefas simples com base em comandos orais. O primeiro comando, “pegue o pincel e desenhe”, gerou interpretações diversas e confusas. Em seguida, a instrução foi reformulada: “pegue o pincel azul e desenhe”. A ampliação da ordem tornou o resultado mais próximo da intenção original, o que levou à formulação de comandos ainda mais precisos, como: “pegue o pincel azul e desenhe uma flor no quadro branco, no canto inferior esquerdo”. A comparação entre os comandos e as ações realizadas proporcionou uma discussão espontânea sobre a importância da precisão linguística para a eficácia da comunicação — ponto fundamental para compreender a estrutura de um prompt.

Após o exercício prático, os alunos participaram de uma exposição dialogada com slides sobre o conceito de Prompt e o modelo P-A-C-E-F, exemplificando cada um dos elementos (Papel, Ação, Contexto, Exemplo e Forma). Durante essa explicação, cada elemento foi ilustrado com situações cotidianas, como pedir ajuda, dar orientações ou solicitar tarefas, evidenciando como cada componente afeta diretamente o resultado da comunicação. Foi reforçado que o modelo não corresponde ao prompt em si, mas a uma estrutura de apoio para a sua elaboração.

Após a explanação, os estudantes foram divididos em duplas e convidados a criar seus próprios prompts no caderno, utilizando o modelo apresentado. As duplas receberam a

orientação de escrever prompts solicitando explicações ou pequenas tarefas que poderiam ser realizadas por uma inteligência artificial. Durante a atividade, observou-se um ambiente espontaneamente colaborativo: alguns alunos, após elaborarem prompts mais eficazes, começaram a circular entre as mesas para ler os textos de outras duplas e sugerir ajustes. Em certos casos, apontaram falhas na explicitação do papel da IA ou ausência de formato definido para a resposta. Esse movimento, não planejado, mostrou o engajamento autêntico dos alunos na tarefa e a apropriação do conceito de clareza textual.

Ao final deste primeiro momento, alguns alunos compartilharam seus prompts com a turma, permitindo uma breve discussão coletiva sobre clareza e precisão das instruções elaboradas, preparando-os para a atividade prática que seria realizada posteriormente no laboratório de informática. As trocas provocaram reflexões sobre adequação ao público, escolha do papel da IA e definição do formato de resposta. Também surgiram dúvidas relevantes, como a diferença entre “ação” e “exemplo”, especialmente entre estudantes com maiores dificuldades de leitura, que em alguns casos chegaram a copiar o comando inicial da atividade como se fosse o prompt ideal, sem ajustá-lo aos critérios do modelo P-A-C-E-F.

As duas aulas seguintes foram realizadas no laboratório de informática da escola. O objetivo principal era possibilitar aos estudantes a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos sobre o gênero discursivo prompt por meio da criação de imagens com o uso de inteligência artificial.

O encontro teve início com uma breve retomada do modelo P-A-C-E-F. Nesse momento, o professor lembrou aos alunos cada etapa do modelo e propôs um desafio criativo: produzir um prompt detalhado que gerasse uma imagem ilustrativa para uma cena de livro infantil. A cena fornecida era: “Em um planeta distante, uma criança olha para o céu estrelado enquanto um robô flutuando segura um livro brilhante”.

Em duplas, os estudantes iniciaram a construção de seus prompts no caderno, sendo incentivados a pensar cuidadosamente em cada elemento do P-A-C-E-F. O professor circulou pelas mesas, fazendo perguntas orientadoras e incentivando os alunos a revisar os detalhes e a clareza dos comandos. Após finalizarem a escrita dos prompts, os estudantes trocaram de caderno com outra dupla. A nova dupla deveria desenhar a imagem solicitada no prompt original, sem pedir explicações. Essa etapa evidenciou como falhas na clareza — como ausência de referência à cor do céu ou à posição dos elementos — comprometiam a fidelidade da interpretação.

Em seguida, os alunos utilizaram ferramentas digitais para testar seus prompts com IA. As imagens geradas variaram amplamente: em alguns casos, o robô flutuava; em outros, era o livro que flutuava; às vezes, era o próprio livro que brilhava, e não o robô. Essa diversidade de resultados levou os estudantes a reconhecer que a IA dependia diretamente da qualidade e da precisão das instruções, mas também da imaginação e repertório linguístico de quem escrevia. A experiência gerou entusiasmo e risos entre os grupos, que se surpreendiam com as interpretações inesperadas da máquina.

A quinta e última aula foi dedicada a uma roda de conversa. Cada dupla compartilhou sua experiência, as dificuldades encontradas e sugestões para tornar seus prompts mais eficazes. Uma aluna comentou: *“Achei que a IA ia entender tudo sozinha, mas percebi que eu tenho que ser bem clara, tipo professora mesmo.”* Outros estudantes perceberam que, ao fornecer mais contexto e orientar sobre o formato da resposta, as conversas do dia a dia também poderiam melhorar. A atividade ultrapassou, assim, o domínio da produção escrita, provocando uma reflexão sobre o próprio ato de comunicar-se com precisão — não apenas com máquinas, mas com pessoas.

A avaliação da sequência considerou a participação em todas as etapas, o engajamento na produção textual e a capacidade de revisão crítica. O envolvimento foi elevado, mesmo entre os estudantes com menor fluência de leitura, que contaram com apoio dos colegas e intervenções orientadoras do professor. A experiência revelou que trabalhar com o gênero prompt permite integrar linguagem, tecnologia e colaboração em uma prática escolar significativa, conectada com os multiletramentos exigidos na cultura digital.

## RESULTADOS OBSERVADOS

Os resultados observados ao longo da sequência didática indicaram um alto nível de engajamento dos estudantes em todas as etapas da atividade. Desde a introdução do conceito até a produção final de prompts no laboratório, notou-se um crescente interesse pela temática e uma melhora significativa na capacidade dos alunos em organizar suas ideias de forma clara, objetiva e comunicativamente eficaz.

Durante os exercícios de quebra-gelo, muitos estudantes demonstraram surpresa ao perceber como a falta de precisão em uma instrução compromete sua compreensão. Essa percepção foi essencial para despertar a atenção à importância da linguagem escrita nas interações com tecnologias digitais e, mais amplamente, na comunicação cotidiana.

Ao construir seus próprios prompts com base no modelo P-A-C-E-F, os alunos enfrentaram desafios, especialmente nas etapas de “Contexto” e “Exemplo”. Muitos tendiam a

omitir informações relevantes, o que gerava resultados incompletos ou incoerentes tanto nas ilustrações feitas pelos colegas quanto nas imagens geradas pelas inteligências artificiais. Essa dificuldade, no entanto, foi gradualmente superada por meio de trocas entre os pares e da mediação ativa do professor.

O uso da IA como ferramenta de validação dos textos gerou envolvimento autêntico e curiosidade. A expectativa pela visualização da imagem motivou os estudantes a revisar suas instruções e refletir sobre como a linguagem influencia diretamente os resultados. A diversidade das imagens geradas — algumas com o livro flutuando no lugar do robô, outras com o robô brilhando em vez do livro — provocou risos, comparações e reformulações espontâneas. A IA, nesse contexto, funcionou como espelho do texto: evidenciou seus limites e potências.

Em termos linguísticos, notou-se uma ampliação progressiva do vocabulário e maior atenção à coesão interna do texto. Expressões vagas como “bonito” ou “legal” foram substituídas por descrições mais concretas e visuais, como “montanhas flutuantes sob céu roxo” ou “robô com braços metálicos e luzes azuis”. Essa evolução reflete não apenas maior domínio da linguagem, mas uma consciência crítica crescente sobre as escolhas linguísticas.

A experiência também revelou ganhos metacognitivos. Os alunos passaram a refletir sobre o processo de escrita como um todo, compreendendo que não bastava escrever de forma “correta”, mas que era necessário considerar o interlocutor — no caso, a IA — e os efeitos de sentido desejados. Como comentou uma aluna, “percebi que tenho que ser bem clara, tipo professora mesmo”.

Durante a roda de conversa final, um dos estudantes observou espontaneamente que a estrutura do modelo P-A-C-E-F poderia ser utilizada também na produção de outros gêneros textuais do cotidiano, como cartas, e-mails ou instruções de jogos, justamente por apresentar uma sequência lógica que ajuda na organização das ideias. Essa percepção revela que a proposta atingiu seu objetivo maior: fazer com que os estudantes passassem a refletir sobre a importância de pensar a escrita de maneira estruturada e consciente.

Os resultados obtidos reforçam o potencial pedagógico do ensino do gênero discursivo prompt, sobretudo como meio de desenvolver habilidades de escrita funcional em contextos reais e significativos, promovendo a articulação entre linguagem, tecnologia e consciência crítica sobre o ato de escrever.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada neste trabalho demonstrou que é possível integrar recursos da inteligência artificial ao ensino da Língua Portuguesa de forma criativa e significativa, por meio

da exploração do gênero discursivo Prompt. Ao aproximar o cotidiano tecnológico dos estudantes das práticas escolares de leitura e escrita, foi possível atingir os objetivos propostos: desenvolver clareza, objetividade e estruturação textual, ao mesmo tempo em que se ampliava a percepção dos alunos sobre a linguagem como prática social e estratégica.

A utilização do modelo P-A-C-E-F mostrou-se eficaz como recurso pedagógico não apenas como guia para a elaboração de prompts direcionados à IA, mas também como estrutura organizadora do pensamento escrito. O reconhecimento espontâneo dessa aplicabilidade por parte dos estudantes reforça o valor formativo da proposta, que vai além do conteúdo em si e alcança a metacognição sobre os processos de escrita.

A sequência didática também contribuiu para o desenvolvimento de competências linguísticas concretas, como a ampliação do vocabulário, o cuidado com a progressão temática e a coesão textual. Além disso, fortaleceu habilidades interpessoais e cognitivas, como o trabalho colaborativo, a escuta ativa e a revisão crítica do próprio texto. O uso da IA como “leitor imediato” do enunciado tornou visível para os estudantes os efeitos da linguagem — e da falta dela —, promovendo uma experiência de letramento digital com base na experimentação.

Diante dos resultados observados, considera-se que a abordagem apresentada pode ser replicada e adaptada a diferentes contextos e níveis de ensino, contribuindo para a valorização de novos gêneros digitais e para o fortalecimento de práticas pedagógicas alinhadas aos multiletramentos, à BNCC e às necessidades comunicativas do século XXI. O gênero discursivo Prompt, nesse sentido, revela-se como uma oportunidade pedagógica potente, que merece ser aprofundada em propostas futuras, não apenas como conteúdo, mas como método de formação de sujeitos críticos, criativos e conscientes do poder da linguagem.

## BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BEZERRA, P. Posfácio: No limiar de várias ciências. In: BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

RODRIGUES JUNIOR, Josimar de Souza Rodrigues. O prompt como gênero discursivo: uma experiência pedagógica. **Pesquisas em Discurso Pedagógico**, n.35, jul. 2025.

## **O AUTOR**

**Josimar de Souza Rodrigues Junior** é mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo. Possui graduação em Filosofia, História e Pedagogia. Atualmente, é professor de Língua Portuguesa na Rede Municipal da Prefeitura de Vitória – ES.

**E-mail:** contato@josimar.com.br